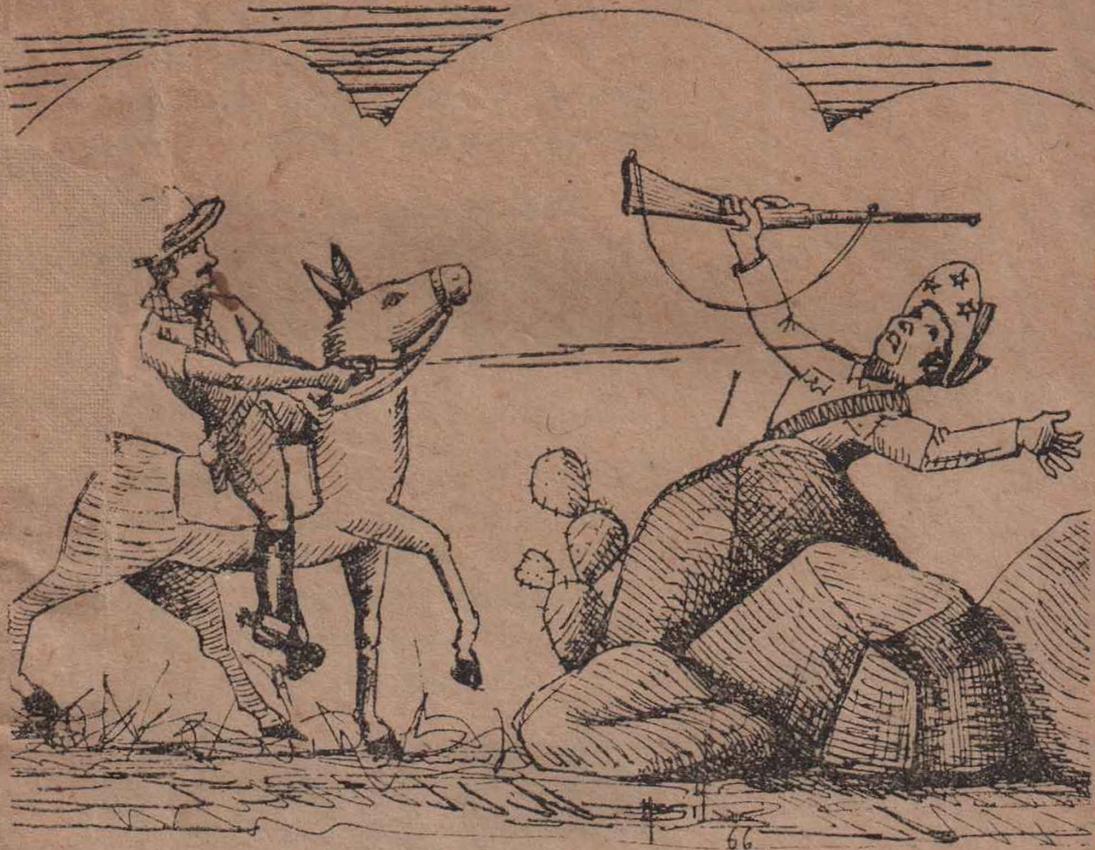


AUTOR: SEVERINO CESÁRIO

O FILHO DO BOIADEIRO



O Filho do Boiadeiro

Ninguém duvida do tempo
que o tempo é sempre herói,
pois ele faz o castelo
e ele mesmo destrói
sómente quem fez o tempo
entro, o tempo não control.

O tempo é autoridade
que controla a natureza,
o tempo acaba com tudo
e depois traz a grandeza,
transforma rico no pobre
ponhe o pobre na riqueza.

O tempo quebra o orgulho
Derruba qualquer império,
mostra a casa da verdade
traz a chave do mistério,
o riso da vaidade
termina no pó funério

É dentro do mesmo tempo
que vou contar um passado,
romance do meu nordeste
nunca será esgotado,
quando o cangaço dizia
jamais serel dominado.

O leitor conhece bem a história do boiadeiro, que percorria o nordeste deste país brasileiro, comprando gado e vendendo sem pensar em cangaceiro.

Foi tanto assim que deixou a fronteira sergipana, puxando por Vicentina chegou na terra baiana, e defendeu dona Helena das hunhas do Gitrana.

Depois da grande vitória casou-se com dona Helena, cada um tem que cumprir o que o destino lhe ordena, quem nasce pra ser feliz a sorte não lhe condena.

Os anos passaram logo que o tempo é como fumaça, sómente a recordação de quem fôr vivo não passa, e aquele que nasce hoje vai beber na mesma taça.

Da mesma árvore nasceu fruto do mesmo sabor, José Teixeira Cabral essência do seu amor, chamavam de Zé Teixeira moço de muito valor.

Assim descrevo a história do filho do boiadeiro, foi o primeiro rebento rapaz honesto e ordeiro, gostava de vaquejada odiava cangaceiro.

Queria bem a seu pai seguia a mesma instrução, comprava gado também e percorria o sertão, topava qualquer parada em defesa da razão.

Nesse feliz episódio —sua mãe recebeu, uma carta que dizia João de Cristina morreu, mande logo um capataz tomar conta do que é seu.

Teixeira disse, mãe e senhora deixe eu ir, tomar conta da fazenda lá posso me distrair, aplicarei meus esforços a fim dela progredir.

Dona Helena sorridente disse filho você vá, honre os ossos do vovô que estão plantados lá, por sua felicidade ficarei resando cá.

Com sete dias depois
Teixeira fêz a partida,
ficando os pais saudosos
com a sua despedida,
em busca de boas fases
ao panorama da vida.

Numa manhã de verão
galopava Zé Teixeira,
admirando as planícies
desta terra brasileira,
cortando a brisa do norte
deixando nuvem de poeira.

Aqui deixou Zé Teixeira
no seu cavalo castanho,
nas longas planas da terra
do seu nordeste risonho,
pra falar num cangaceiro
que era um tigre medonho.

Essa serpente que falo
nasceu lá no Quixadá,
o cabra mais valentão
do estado do Ceará,
conhecido geralmente
por alcunha Zé Cajá.

Enquanto as suas proezas
não é preciso falar,
a vida do cangaceiro
já se pode analisar,
é lutar de encontro a lei
viver do roubo e matar.

Em consequência dos crimes
pelo mesmo praticado,
as perseguições constantes
fêz-lhe ficar obrigado,
abandonar sua terra
e fugir pra outro estado.

Chegando no Pernambuco
atravessou São Francisco,
como um tigre esfomeado
a procura de um aprisco,
na sombra de desmantelo
enfrentava qualquer risco.

Assim entrou na Bahia
comandando dōze fêras,
o desconso do bons
naquelas remotas éras,
quantas vilas do nordeste
fizeram delas tapéras.

O sertão naquele tempo
viveu sempre em abandono,
sertanejo havia pouco
a terra não tinha dono,
qualquer grupo do cangaço
ali formava seu trono.

Zé Cajá achou capaz
abrigar-se numa serra,
enfrentar os cangaços
que vinham lhe fazer guerra,
atirar nos bartatões
deixar prostados na terra.

Com menos de meia légua
vinham atacar na estrada,
infeliz de quem caísse
naquela triste emboscada,
tomava feira e dinheiro
deixava o pobre sem nada.

Zé Cajá mandou um "cabra"
com uma missão secreta,
onde tivesse fazendas
chegar com forma discreta,
tomar nota de que viu
trazer a pista concreta.

Obedecendo a seu chefe
passou o dia a vagar,
devido a grande distancia
não pode logo voltar,
duma fazenda pra outra
dava duro pra chegar.

Na tarde do quarto dia
quando a noite foi caindo,
chega o bandido dizendo
eu quase não tinha vindo,
vai ser tão boa a surpresa
que o senhor fica sorrindo.

Zé cajá olhou pra ele
com seu olhar de serpente,
e disse, diga menino
que quero ficar contente,
sendo dinheiro e mulher
seguirei no rastro quente.

O bandido disse chefe
eu trouxe no pensamento,
o retrato duma moça
da fazenda entrocamento,
parece o planeta venus,
brilhando no firmemente.

O fazendeiro bem velho,
e só tem mesmo um vaqueiro,
uma preta ainda nova
do cabelo de tempêro,
um surrao do tempo antigo
onde tem todo dinheiro.

Zé Cajá dansou xaxado
em cima da pedra dura,
ouvindo o cabra falar
dessa bela creatura,
breve serei dono dela
minha armadilha é segura.

Vou fazer um testamento
e o velho tem que assinar,
a moça fica pra mim
o resto mando matar,
não serei mais perseguido
porque sou rei do lugar.

A justiça não vai lá
que a distancia não deixa,
não tem visinho por perto
para ir dar uma queixa,
o tempo apaga meu nome
e o silencio cobre a reixa.

Assim traçou o seu plano
pra fazer uma agressão,
ferir a honra e a lei
como maior distração
não sabia que a virtude;
fazia lá seu plantão.

Ajuntou-se a cabroeira
e seguiu sem ter demora,
as vezes cortava estradas
trilhando sempre por fóra,
obegando cêdo do dia
oculto esperou a hora.

Quando foi a meia noite
a fazenda solitária,
recebeu uma visita
duma fera sanguinária,
matando logo um cachorro
de raça extraordinária.

Zé calá bateu na frente
mandou um grego por traz,
a moça gritou lá dentro
cala fóra satanaz,
se tentar quebrar a porta
vê uma moça o que faz.

Bem pertinho da fazenda
residia o seu vaqueiro,
casado com a prêtinha
de cabelo de tempo, ^{de}
pegou-se com Zé cajá
moeirou todo o terreiro.

Os dois punhais se chocaram
Salu farsca de fogo,
A prêta neste momento
Pedu em forma de rôgo,
Meu velho tenha cuidado
para não perder no jôgo.

Foi perdida a rogativa
o vaqueiro em luta expira,
Zé Cajá depois de tudo
so lado dela se astra,
a prêta com medo d'êle
embocou na macambira

Ainda corren a traz
perdeu-a na escuridão,
voltando pra casa grande
com a fúria de Leão,
julgando a mesma voltar
que estava sem direção.

Com tôda força que tinha
de novo bateu na porta,
a moça gritou de dentro
a coisa aqui está torta,
eu morro matando gente
este prazer me conforta.

Zé Cajá fustou o corpo
atirou na fechadura,
foi quando explodiu um tiro
de dentro da casa escura,
e êle para livrar-se
do pillar fez cobertura.

O grupo que estava atraz usou do mesmo processo, a moça descontrolou-se mandou tiro com excesso, a munição esgotou-se caiu nas mãos do perverso.

Acenderam o candieiro o velho estava sentado, com o seu olhar sereno de um sertanejo honrado, o semblante oôr de rosa bigode branco fechado.

A moça ficou de lado com gosto de desespero, o seu olhar penetrante em cima do bandoleiro, dizendo nos salve a vida embora leve o dinheiro.

Zé Cajã puchou do bolso o infeliz testamento, e disse velhinho assinie aqui neste documento, porque tudo vai ser meu a partir deste momento.

A moça com esta voz foi em cima pra toma-lo, o bandido deu-lhe um golpe que o braço deu um estalo, o velhinho desmaiou porque teve um grande abalo.

Disse o cangaceiro á moça faça seu pai melhorar, porque este testamento ele tem que assinar, você vai ser minha a pulso ele poderei matar.

Vamos deixar por enquanto a fazenda entroncamento, para falar na prêtiha no vale do sofrimento, para não morrer, fugiu do panorama sangramento.

Porém antes veio cá vestida na escuridão, ficou no pé da parede ouvindo com atenção, a maldade do bandido em um lar sem protecção.

As tantas da madrugada ela sai em desespero, sem dominar os soluços com saudades do vaqueiro, pensando também na mãe e no velho fazendeiro.

Enquanto a prêtiha anda vou dizer o nome dela, direi depois e da moça que na dor é paralela do vaqueiro e do velhinho também da mesma novel.

Finalmente tinha ela o nome de Geraldina, a filha de Helena e neta de Vicentina, o vaqueiro Ambrosino filho de João de Cristina.

O nome do fazendeiro, José Pedro de Jacob, foi inseparável amigo do fazendeiro Chico, morto pelo o Glitrana, um cangaceiro sem dó.

A filha do fazendeiro o seu nome era Jandira, que no seu conhecimento o povo chamava Dira, moça bonita e disposta dessa que o mundo admira.

É tanto que ela ouvia a fama do boladeiro, quando libertou Helena das garras do bandoleiro, contada por Geraldina, firmada pelo vaqueiro.

Sabia que tinha um filho que se chamava José, também era boladeiro e que viajava até, trabalhador e honesto topava a vida com fé.

Por intermédio da preta conhecia seu retrato, dizia sempre pra ela faça com ele um contrato, pra vir aqui na fazenda e veja como lhe trate.

Porém eu tenho vontade um dia de me casar, até hoje nunca tive namoro neste lugar, com o retrato de Zé vivo sempre a namorar.

Tudo isso ela dizia sem saber do seu futuro, um horizonte que existe porém tem um lado escuro, lado de imperfeição que ninguém pensa seguro.

Voltamos para pretinha pra saber onde é que anda, em busca da parentela que estava na outra banda fugida de um cangaceiro que a miséria comanda.

Contada de Geraldina sem força, muito cansada, o malvado rasga beijo deixou-lhe a roupa estragada, deu-lhe bastante trabalho a sair na velha estrada.

Seguiu pobre Geraldina,
naquela vida tirana,
com fome e roupa rasgada
sujeto a Suçuarana,
rezava para vencer
pela da virtude era dona.

Quem vive a pensar no bem
domina a força do mal,
socorro que não espera
chega na hora fatal,
porque nada é impossível
dentro da lei natural.

Com a roupa esfarrapada
bem dizer, no couro só,
muito cansada e com fome
as tripas fazendo nó,
quando avistou muito longe
a fazenda do Chioó.

Às cinco horas da tarde,
o sol despresa a campina,
na sombra do arrebol;
vai chegando Geraldina,
na frente da casa grande
onde viveu vicentina.

Antes de chegar foi vista
por um pastor de ovelha,
quem a viu quando tombou
—sócinha sem ter parêlha,
de sangue, terra e suor
a roupa estava vermelha.

O pastor era um menino
da fazenda morador,
avisou por toda parte
aquele caso de horror,
chegaram os familiares
pra aliviar sua dor.

Levaram ela pra casa,
da vida não deu sinal,
o pessoal ansioso
prá saber qual foi o mal,
que fêz trazer Geraldina
até naquele local.

Vamos deixar por enquanto
Geraldina sem tornar,
prá falar em Ze Telxira
que estava para chegar,
sendo também de surpresa
que não mandou avisar.

O dia amanheceu lindo
como sempre de costuma,
o sol dispersava a neve
que vestia o alto cumo,
e primavera corria
capalhando o seu perfume.

O barbatão furioso
no pé da serra se esconde,
a vaca chama o bezerra
está preso, não responde,
um grupo de borboletas
passavam não sei de onde.

O moinho quebrava milho para fazer o xerém, enquanto tirava o leite observava além, uma nuvem de poeira dando um sinal de alguém.

O povo ficou atento com a vista na poeira, quando um vulto apareceu no descambar da ladeira, galopando sem parar até chegar na porteira.

Era Teixeira que vinha na verdadeira esperança, de tomar conta de tudo sem ódio e sem vingança, com morado-es antigos fazer a mesma aliança.

O povo que estava atento esperou sua chegada, a qual serviu de surpresa porque não estava esperada, chegando saudou a todos com sua voz moderada.

Enquanto elle conversava algo prendeu-lhe a atenção, uma preta que chorava assentada num pilão, pois esta cena forçou-lhe ir saber qual a razão.

Era a mãe de geraldina mergulhada no desgosto, Zé Teixeira perguntou-lhe falando muito disposto, minha velha porque chora? parece que está sem gosto.

Então ela levantou-se e levou o moço a sala, e mostrou a sua filha que estava ali sem fala, sem explicar o motivo sem ter jeito de tratá-la.

O moço pegou no pulso conhece que estava mal, entrou logo em tratamento por uma forma geral, com poucas horas depois voltou o estado normal.

Ela olhou para elle e falou muito cansada, estou pagando uma pena que da qual não sou culpada, também o senhor Jacó com a sua filha honrada.

Zé Teixeira disse, diga o que foi que aconteceu, foi um grupo do cangaço que por lá apareceu, meu marido Ambrosiano brigou tanto que morreu.

O chefe do grupo disse:
trago aqui um testamento,
para você assinar
que a partir deste momento,
sou dono de sua filha
e da fazenda entroncamento.

Senhor Jacó desmaiou
no momento de assinar,
Ele disse para ela
faça êle melhorar,
e foi neste vai e vem
que tratel de me afastar.

O plano é matar o velho
e ficar com a Jandira,
ela tem o seu retrato
ao pegar aêie suspira,
a beleza dessa moça
todo sertão admira.

Não há flôres do jardim
que se compare com ela,
todo sinal de beleza
a sua face revela,
bem feita igualmente a Eva
quando saiu da costela.

Derruba bol na campina
faz tudo num improviso,
os dentes como marfim
cabêlo comprido e liso,
atral qualquer orlatora
sómente pelo sorriso.

Tem a beleza do prado
simplicidade da flôr,
nas noites enluaradas
cantava canção de amôr,
hoje na mão do canção
derrama pranto de dôr,

José Teixeira sorriu
e disse pra Geraldina,
vêja se melhora logo
que vou salvar a menina,
parece que do men pai
vou trazer a mesma sina.

Enquanto alguém lamentava
do vaqueiro a sua sina,
Zé Teixeira olhou um prêto
um irmão de Geraldina,
lambrou-se do episódio
do seu pai com Vicentina.

Assim pensava Teixeira
numa outra imitação,
um plano que desse margem
enfrentar êsse leão,
salvar a honra da môça
plantar a paz no sertão.

Você vai ser Geraldina
disse êle a seu irmão,
vista logo a roupa dela
vamos entrar em ação,
o prêto gritou contente:
cente comigo patrão.

Enquanto se preparavam
para fazer a viagem,
Teixeira veio a ^{visita}renda
e contemplou a paisagem
não conheci meu avô
porém vejo a sua imagem.

Foi ali naquêle bosque
que êle teve um triste fim,
minha mãe pensava nêle
como hoje pensa em mim,
o tempo transforma tudo
e natureza é assim.

Aquela serra azulada
que nela a beleza impera,
panorama que meu pai
contemplou naquela éra,
depois da grande bravura
que o povo ainda venera.

O véu da simplicidade
nela ainda se espreguiça,
a virgem usa seu manto
sem a mancha da sobriça,
onde a virtude se apóia
com o farol da justiça.

Meu pai foi um mensageiro
da justiça e do amor,
atendeu a força oculta
do eterno gerador,
voou nas asas da sorte
paralelo com a dor.

Quando Ale pensava assim
o seu pessoal chegou,
o irmão de Ambrosiano
na sua frente parou,
dizendo entusiasmado
para lutar pronto estou.

Ao lado dêsse vaqueiro
estava Zé da Capêla,
lígreo que só um gato,
bom no rifle e bom na sela,
achou por bem que devia
dar também sua parcela.

O irmão de Geraldina
mancel Justino goste,
disse para Zé Teixeira
aceitei vossa proposta,
vesti a roupa da mana
veja se é assim que goste.

José Teixeira sorriu
com êle assim transformado,
com um pano na cabeça
vestido azul estampado,
gritou com mãos para o ar
temos que ir apressado.

Partiram no mesmo instante
Cada um no seu cavalo,
Teixeira disse consigo
tenho prazer de enfrenta-lo,
aquele que fere a honra,
o caminho é castiga-lo.

As dez e meia da dia
o sol tremia de quente,
no lugar da brisa mansa
corria o mormaço ardente,
na estrada empoeirada
Telxeira sempre de frente.

As nuvens faziam sombras
por cima das cordilheiras,
o gavião penetrava,
suas azas traçoelras,
emboscando as ribações
peregrinas das fronteiras,

Os rebanhos coloriam
a paisagem nordestina,
a nuvem côr de algodão
beijava a alta colina,
na vista de quem viaja
o campo se descortina.

Zé Telxeira contemplava
as plantões do sertão,
embora conhecedor
daquele velho rinoão,
onde o cordouiz levanta
e sai furando a amplidão.

O tempo levou as horas
mensageiro que não cansa,
o mormaço que ardia
voltou para temperança,
a tarde chegou sorrindo
com a sua brisa mansa.

Lá no sopé do serrote
ouvira a ema gemer,
o dilat do sertão,
nos seus olhos se estender,
tudo isso acontecia
antes do sol se esconder.

O poente transformou-se
com a chegada do sol,
os altos montes sorriam
com seu sublime farol,
as aves se recolhiam
na sombra do arrebol.

Chegou na porta da noite
ninguém pode mais entrar,
as trevas cobria o mundo
foi preciso descansar,
depois que a lua saiu
tornou então viajar.

A lua da côr de prata
beijando a linda paisagem
por cima dos troncos velhos
espalhava a sua imagem,
formando vultos de frente
que parecia visagem.

Quando passou meia noite
a lua também perdeu,
o seu reflexo brilhante
para o lado se estendeu,
da fazenda entrocameto
a porteira apareceu.

Pararam numa palhoça
que estava no abandono,
certamente a secca ingrata
havia espulso seu dono,
chegou ali o desprêso
edificou o seu trono.

Por traz duma grande pedra
amarrara n seus cavalos,
já se ouvia na fazenda
o cantar triste dos galos,
Teixeira fêz os seus planos
para poder enfrenta-los.

Ocultou-se na palhoça
e disse como fazia,
a trinca se admirou
de vê sua estratégia,
foi herança de seu pai
quando nasceu já trazia.

Quando o dia amanheceu
fêz êle observação,
um capanga no curral
tirava leite em porção,
outro retalhava um bicho
nesta mesma ocasião.

Teixeira neste momento
fez um sorriso sem gosto,
então disse ao pretinho
quero que seja disposto,
vai imitar Geraldina
que o traje está composto.

Você chega na porteira
dê um sinal com a mão,
que o cabra, lhe vendo vem
com tôda disposição,
aqui acabo com êle
depois de uma confição.

Ficaram cá na palhoça
e o pretinho na porteira,
vestida de Geraldina
requebrando bem faceira,
deu o primeiro sinal
o cabra veio na carreira.

Ela voltou na carreira
como Teixeira ensinou,
entrou na velha palhoça
o cabra também entrou,
—pegaram êle de mão
tudo que havia contou.

Disse ele, Cajá é dono
da fazenda entroncamento,
o velho de madrugada
assinou um testamento,
a moça por não quere-lo,
foi jogada em sofrimento.

Foi assim que revelou
esse primeiro bandido,
depois que estava agarrado
julgou o caso perdido,
Teixeira só com arroucho
deixou-o no solo estendido.

Voltou êle novamente com seu traje disfarçado, não chegou nem na porteira lá vem o cabra apressado, já vinha em busca do outro que não havia voltado.

Repetiu a meia volta e na palhoça se some, quando o cabra emburacou, Teixeira disse-lhe, tome foi mesmo que um bocado na boca de quem tem fome.

Quando o segundo correu, ficaram dois no terraço, um disse, olhe a prêtinha ela parece um pedaço o colega entrou com ela eu também vou vê que faço.

José Teixeira dizia, já fiz o grupo menor, quando olhou pela brechinha, disse agora está pelor em vez de um vêm é dois o escangalho é maior.

Se atirar assanha o resto vamos perder na questão, assim ficamos de lado tudo de punhal na mão com a primeira investida domno a situação.

Mesmo assim aconteceu e a vitória continua, Teixeira disse consigo minha volta vai ser crúa, comigo tem que rodar que só um arco de púa.

O prêtinho foi de novo sem recuar na batalha, trilhando em cima do plano sem haver nenhuma falha, quem luta em favor da hora tem da virtude a medalha.

Na retaguarda da casa botou a venta um negrão, foi dar uma cusparada algo prendeu-lhe a atenção, era a falsa Geraldina dando sinal com a mão.

O negrão saiu maluco para atender o chamado, ela voltou pra palhoça perto fez um requebrado, e antes de entrar na mesma ele já estava encostado.

Assim entrou na palhoça cansadinho de correr, sentindo o cheiro da saia só pensava no prazer, por isso morreu sorrindo sem sentir o pau bater.

Vamos deixar por enquanto
os defensores da paz,
para falar na Jandira
vê seu destino o que traz,
nas mãos de um triste bandido
sem esperança jamais.

Subiu de parêde acima
com mêdo do bandeleiro,
êle dando gargalhadas
em vê o seu desespero,
quando o gato pega o rato
brinca com êle primeiro.

Pela brecha do telhado
ela avistou Geraldina,
quando corria apressada
cortando a vasta campina,
um bandido em busca dela
nesta hora se destina.

Já era o segundo caso
que havia observado,
por isso ficou quietinha
para vê o resultado,
o seu silêncio deixou
Zé Cajá desconfiado

Zé Cajá correu depressa
e olhou pela janela,
nesta hora viu o cabra
quando pulou a cancela,
a prêtinha em sua frente
êle doído em busca dela.

Cajá viu perfeitamente
tudo quanto se passou,
quando entraram na palhoça
um saiu, outro ficou
cangaceiro espediente
desta vez desconfiou.

Voltou no mesmo momento
deu um urro de leão,
apresentou-se tres cabras
nesta mesma ocasião,
perguntou, cade os outros
ninguem deu a direção.

Zé Cajá irado disse:
deixei a negra fugir,
juntou-se ao pôvo dela
e veio me destruir,
vamos matá-la primeiro
vejamos que vai surgir.

Derrubou logo a Jandira
lá de cima da parede,
trancou-a e amarrou-a
com as cordas duma rêde,
e disse vou beber sangue
que há dias venho com sede.

Lá vem a falsa prêtinha
com destino a tal porteira,
o seu gosto era arastar
o resto da cabroeira,
quando ouviu foi o pipouco
já tinha feito trincheira.

Teixeira ouviu o estampido
foi a brecha observar,
viu a pretinha correr
e lá na frente tombar,
disse tudo descoberto
agora vou enfrentar.

Começou o tiroteio
bala vinha e bala ia,
cada tiro era um avanço
que Teixeira conseguia,
Zé Cajá do mesmo jeito
avançava e resistia.

Teixeira com meia hora
encurralhou essa féra,
a féra partiu pra ele
com a feição pantéra,
parecia nm animal
daquela passada éra.

Entraram no ferro frio
Teixeira como um leão,
tocava o punhal no cabra
só encontrava era o chão,
o cabra dava risadas
levava na mangação.

Teixeira sabia um truque
que aprendeu de seu pai,
aplicou no bandoleiro
no primeiro o cabra cai,
plantou-lhe o punhal no vão
só deu tempo dizer ai.

Teixeira estava sózinho
seu povo estava ferido,
os cabra de Zé Cajá
na luta haviam morrido,
seguiu para a casa grande
o herói desconhecido.

Chegando com toda pressa
ouviu dela o triste pranto,
foi logo agarrando o ferro
que estava no recanto,
danou em cima da porta
que foi joga-la no canto.

Foi logo desamarrando-a
com toda delicadeza,
apesar de perturbada
não escondeu a beleza,
aquele moço simpático
pra ela não foi surpresa.

Conheceu-o pelo retrato
porém não pode falar,
a emoção foi tão grande
de não poder controlar,
ligou-se as duas correntes
começaram a se amar.

Ela pegou na mão dele
e disse vamos agora,
socorrer o meu papai
que o desgosto o devora,
ouvi um gemido seu
não me lembro mais da hora.

Teixeira salvou seu pai que estava perto da morte, voltou para seus feridos e fez do lombo transporte, deles escaparam dois o resto não teve sorte.

Escreveu para seus pais e contou todo o ocorrido, falou também no amôr como havia adquirido, como a lição do seu pai apagou mais um bandido.

Casou Teixeira e Jandira no fim da mesma semana, na fazenda do Chicó foi uma festa bacana, ficou o caso conhecido em toda terra baiana.

Depois de tudo Jandira concordou com Zé Teixeira, mandar chamar Geraldina pra ser sua companheira, porque ela no seu caso foi a primeira bandeira.

Como também seu irmão escapou porque foi forte, serviu de grande instrumento amparado pela sorte, razão porque Zé Teixeira improvisou verdadeira Ordem da lei pelo norte.

4313

Blig. col. T II - 596